



# Há vida no não vivido

**Marcia Borges**

**poemas**

**2020**



# M a r c i a B o r g e s

Meu nome é Marcia Borges.

De mim digo pouco. Sou curiosa, isso me faz gostar de aprender. Generosa e solidária, isso me faz gostar de ensinar. Assim, tornei-me professora/aprendiz.

Amo a poesia da vida. No meu primeiro e-book "Ave aves!", presenteio a todos com passarinhos. Eles contribuem muito para minha alegria de viver, comungam com pétalas, perfumes, cores, infinito. Fazem-me tremer e elevam-me. O segundo e-book de haicais, "MóBILE cantante", une os desenhos de Maria Dolores Wanderley à minha visão mágica da natureza. É um universo em movimento, ninado pela musicalidade de concisos versos que buscam uma simplicidade harmônica.

Sonho com que "MóBILE cantante" continue a oferecer embalo.

"Fina sintonia" é o retrato dos meus encontros com a natureza. As fotos foram tiradas por mim. Com este e-book de haicais, completo uma trilogia que, de algum modo, reflete a minha trilha pela vida, o meu amor pela natureza.

Os poemas são a linguagem essencial para expressar meu universo particular.

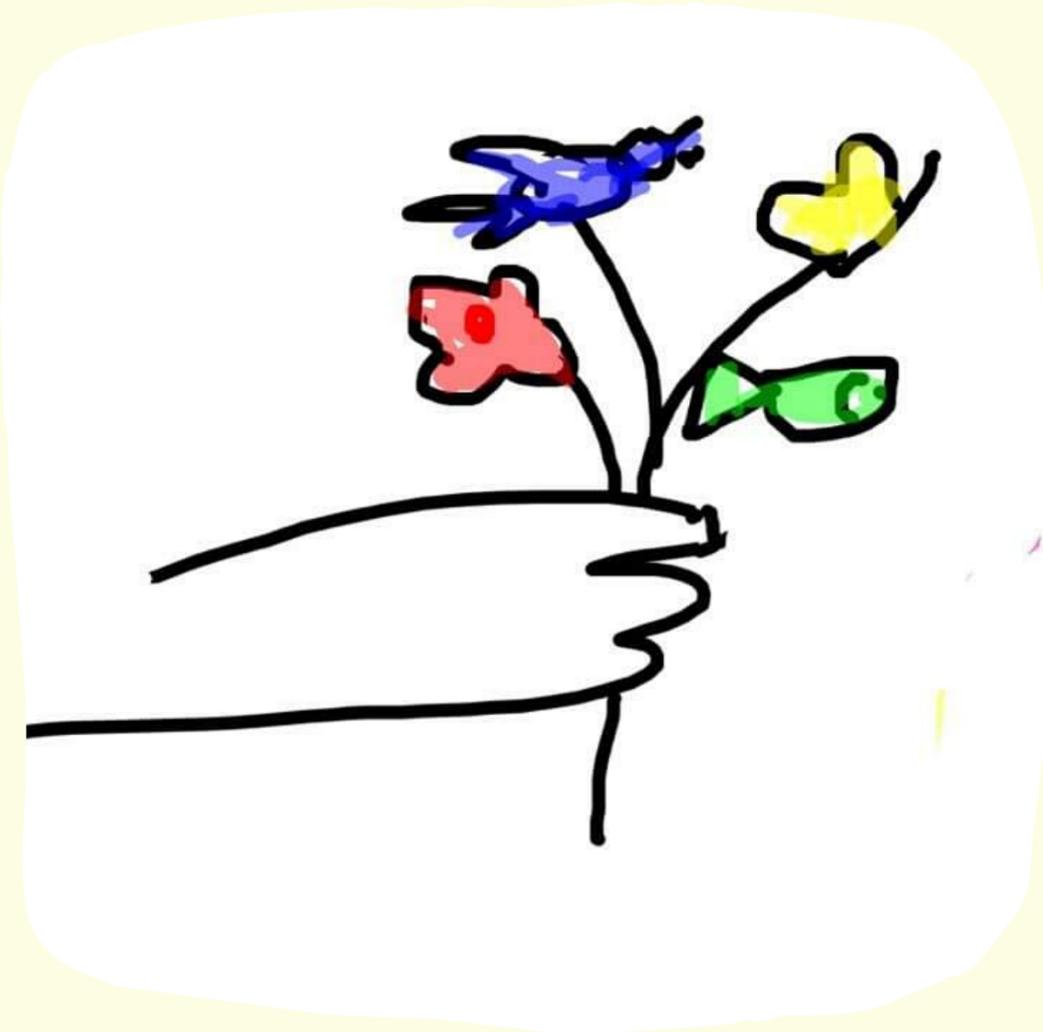
Gosto muito de participar desse fazer poético que dá nascimento ao e-book.

Este novo e-book é uma reunião de pequenos poemas que escrevi ultimamente. Refletem meu modo de viver para além do aqui-agora. São dedicados a uma amiga que partiu, mas nunca se fez ausente. Também representam uma forma de agradecer a outra presença diária no meu universo particular, a amiga Roseana Murray, cor-luz-brisa no cume de uma montanha de sonhos.

Duas pessoas foram fundamentais para que o e-book ganhasse vida. Margareth Magalhães Neves, amiga carinhosa, prestativa, excelente ouvinte. Jiddu, o dedicado criador, responsável por grande parte da beleza da apresentação do livro.



# In memoriam de Angela Lago, a amiga que me acompanha.

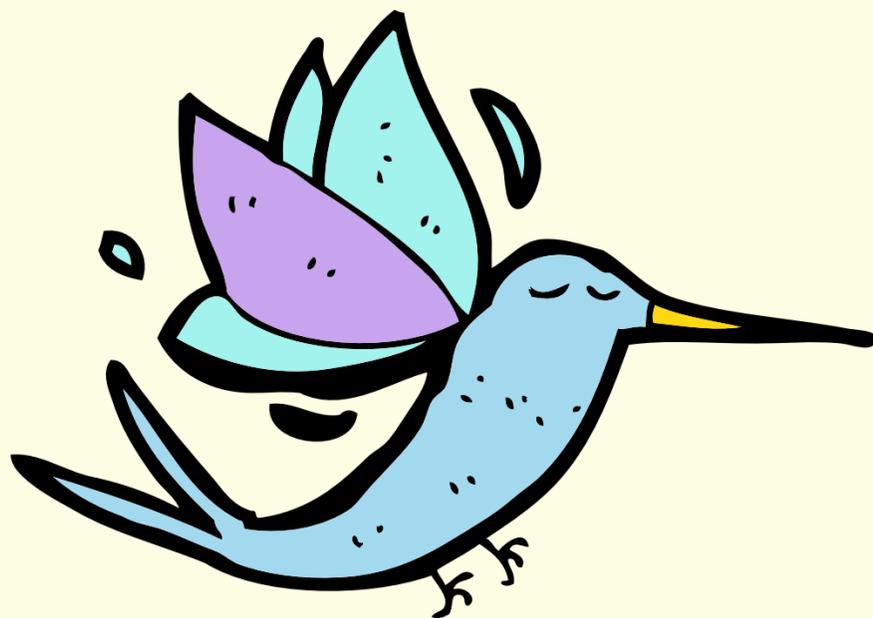


Você é o amarelo que canta  
A pedra dentro da mão  
A casa haicai.

Você, o menino Drummond  
Os meninos na rua  
O rio de Heráclito  
A chave de Borges  
O Rilke, o elo em Émile.

O serrado em flor  
Você, a jardineira de encantos

À mãe dos Cânticos.



**Agradeço à amiga Roseana Murray,  
vaga-lume nas minhas trilhas pelo  
poético.**

Vem cá, amiga querida,  
quero te dar  
um abraço.

Quem sabe eu ainda te mande  
um Chagall todo azul?

E se eu enchesse o seu kindle  
de Amós?

Levasse no colo um feixe de cores  
com perfume do mais tenro amanhã?

Ah, posso também na tua janela  
no berço da montanha  
plantar um filhote de onça  
na liberdade da aurora  
sob as flores do flamboyant

Trazer de Saturno  
mil colares e anéis  
e rechear os teus pães  
com o néctar da paz.

Ah, amiga querida,  
e se eu conseguisse  
colher dos teus versos  
o sumo da poesia  
a essência do amor?

Eu quero agora enviar  
para a casa de pétala amarela  
da poeta  
da sonhadora  
mil beijos de beija-flor.



*Nesse trecho quase apagado  
do meu diário-do-não-vivido  
conversamos sobre solidão.  
E falamos de pássaro, vento,  
poeta, amigo.*

*Não vi tuas mãos tocarem  
mas te enviei flores, amarelas  
para perfume das notas do teu cello.*

*Foi tudo sem despedidas  
combinado ficou apenas um encontro.  
Chega agora aqui o teu silêncio. Espera.  
Vou abraçá-lo.*



*O poema é asa  
de pavão  
a ostentar a beleza  
da pluma  
e o pé nu.  
É preciso o voo entre  
a voz e o vulto do invento.*



*No dia em que você se foi  
um beija-flor veio até mim.  
Deu voltas à minha volta.*

*Estancou o meu olhar.  
Bico penas e brilho.  
Era verde, era azul  
o céu também, azulzinho.*

*(Colori pra você agora)*

*Que mistério, meu bem,  
rodeia as voltas da vida?  
Que sentido tem um beijo  
e a ausência da flor?*



*A chuva chegou mansa  
pisando pé ante pé  
agora pela manhã*

*Tive vontade que entrasse  
que me puxasse pra cirandar  
aqui na varanda*

*Não veio fininha  
não era um chorinho  
tamborilava uma canção*

*Chagall levantou as orelhas  
no meio do sono  
aninhado de nuvens*

*Apertei o travesseiro  
fiz céu de lençol  
e deslizei azul.*



*A casa roda  
A panela chia  
Chagall late quente.*

*Já visitei a varanda  
onde por hora a roupa bate.*

*Não tanto quanto mon coeur,  
que balança entre dois, três  
recuerdos da infância.*

*E a panela chia  
uma criança longe chora.  
Espanca-se?*

*Algo balança.*

*A casa gira  
no domingo sem cachimbo  
na força do agora.*

*com perfumes, com flores  
a árvore treme  
mas isso é lá fora..*



*Com fios de sensações  
cirzo uma pauta musical.  
Pincelo gotas  
que sutis soltam-se do céu.*

*Trazem uma alegria súbita  
e sem estranhamento  
acalantam-me a solidão.*

*Um vibrato fora do tortuoso  
território das inquietações  
escala minhas angústias  
projeta um lume transitório:  
pacato canto de paz.*



*Faltou-nos um banco  
no quintal  
para permitir  
antes da tua partida  
mais ângulos  
dos teus versos.*

*Um toque de prosa  
Um tico de pinga  
recortes de rima*

*Faltou um horizonte  
onde o sol tornasse  
o amarelo da bailarina  
o abrigo do colibri.*

*O que me visita  
quando a saudade  
esvazia a tarde  
e a janela que projeto  
está trancada.*



*Porque a chuva que bate aqui  
não é chuva  
eu me lembrei de você  
da sua última chuva  
que quando a mim chegou  
era poema.*





*Um cão ladra  
na noite.  
Não diz que lhe tiraram as estrelas.  
Talvez seja eco  
sem projeções.*

*As horas transcorrem  
impávidas.  
O céu nada sabe  
de melancolia  
nem de indiferença.*

*Mas quando um pássaro desliza pelo  
horizonte  
entre o sol e a neblina  
o trêmulo das penas adianta  
o arco-íris  
se abaixo dele a mão preenche a folha  
com seus brancos.*



*Porque chove muito  
tenho medo de abrir  
teus poemas.*

*Algumas noites chovia  
e vinhas com versos  
que desejavas cortar.*

*Não era isso? Também.*

*A chuva está aqui  
e teus versos nas páginas.*

*Dobrá-las  
é um desafio constante  
como hoje.*

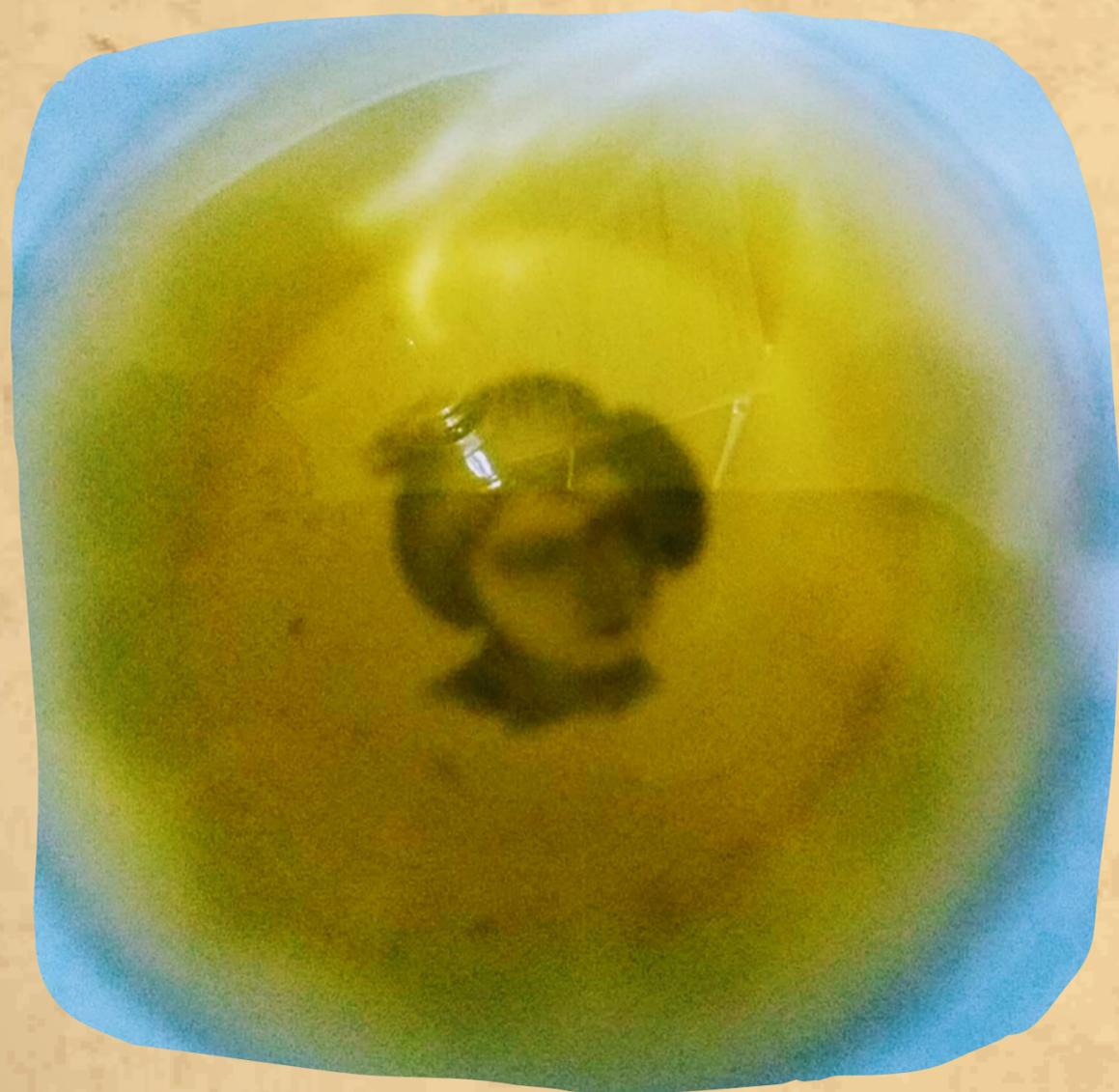
*E teus versos voltam  
entre um toque e outro  
da chuva que vem  
para as páginas  
das horas.*



*Na manhã de hoje  
caminhei cinquenta anos  
em uma hora.*

*Na manhã de há pouco  
dei a mão ao meu bairro  
caminhamos frágeis  
pela infância do agora.*

*Nesta manhã fui  
o que sou a mais  
dentro/fora.*



*Para que versos?  
Resmunga uma voz em mim.  
Mas em cada sílaba você desfila  
Imagem após imagem  
sorri.*

*Às vezes aponta o dedo  
para uma rima desengonçada.  
Rimos junto.  
Com um buril  
sigo lavrando  
até florescer a margarida do campo.  
Toda sua.*



*Se você estivesse aqui  
eu sairia em busca de um trevo  
de quatro folhas.*

*Caminharia por campos e jardins.*

*Assim provaríamos a sorte  
de atravessar o tempo  
a cuidar de pétalas  
com palavras de cetim  
e os sons do seu cello.*



*Depois daquela ausência  
cobriu-se de cinza  
recolheu seus pássaros.*

*Os dias acanharam-se  
para serem tristes.*

*Mas entre as horas  
as janelas atravessam.*

*O céu nasce  
querendo seu azul  
e pelas ruas seguem  
os que ainda nomeiam  
as estações.*

*Até a brisa pode ser  
uma escala  
o anúncio  
de um certo voo.*



*Cada gota de chuva  
é uma nota, uma sílaba  
dos poemas que ainda  
estão por ser.  
Trago para o agora  
o seu modo de me ouvir.  
A suave diagonal  
que seus cabelos  
desenhavam para o conforto de escutar.  
Imito-a  
e sei que a pauta  
não virá com os pingos.  
Surgirá quando a saudade se deixar embalar  
e no vazio ouvir o eco dos seus passos.*



*A tristeza é bicho de cauda longa.  
Anfíbio saindo  
pelas margens  
pouco a pouco  
revela um corpo.*

*Arrasta-se pela areia do peito  
encobrindo o terreno.*

*Os olhos são desabamentos  
foge-lhes o brilho  
deixam-se nublar.*

*As mãos sem toques  
encolhidas  
dissonantes.*

*Um deserto a atravessar.*



*Chove  
pausadamente  
e a canção que você não  
escreveu  
insinua-se  
num ritmo  
sincopado.*

*Vem como notas  
da memória  
que abraça  
o bonde, o trem  
esses trilhos celestes  
espichados na infância.*

*E as notas saem do sino  
da pulseira  
que você me deu*

*que a pedra do meu quintal  
fez soar secretamente  
naquela manhã  
sob a amendoeira.*

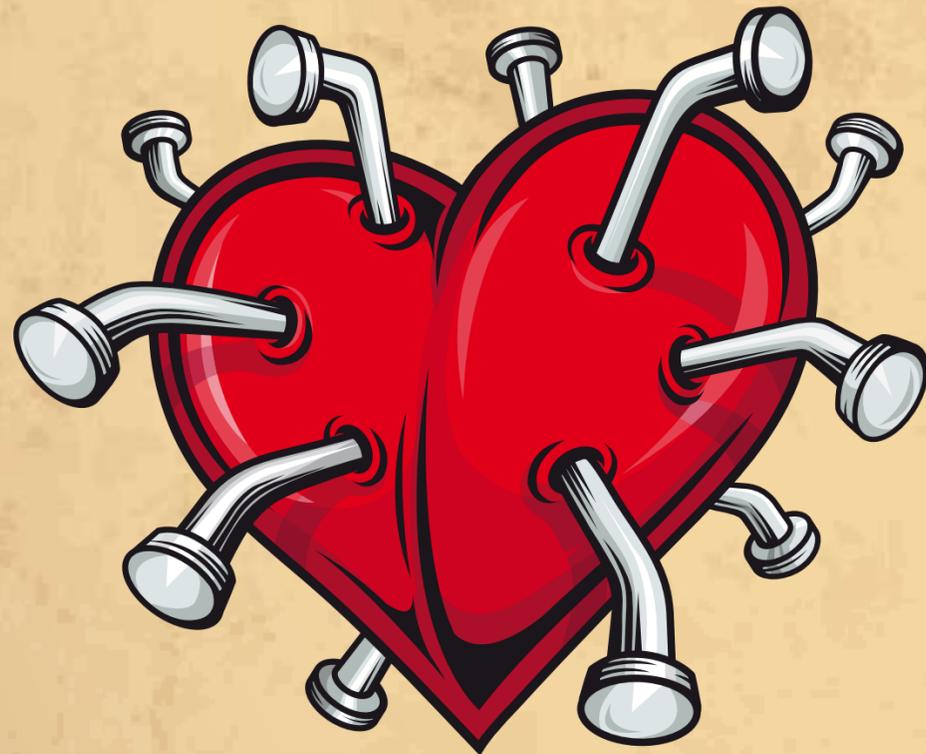
*Chove no parque  
e a roda-gigante  
dança uma gigantesca ciranda  
para todas as crianças  
para todos os tios.*



*Há dias que acordam  
como se buscassem uma nota.*

*A melodia do tempo vive  
o passo em direção ao sonho  
um olhar voa  
para trás.*

*Dias que nos escutam talvez  
para que na neblina da aurora  
a memória toque com ternura  
o berço das precárias ilusões.*



*Já morri várias vezes  
muitas por amor  
mas tantas outras  
por motivos vários.*

*Ressuscito  
sempre por amor.*



*Ontem atrás das águas dos olhos  
a mata dançava irreverente  
eu deitada viajava territórios  
arquitetados no dentro da gente.*

*Girafas verdes me contavam  
através do vento no bambuzal  
que mil e duas histórias chegam  
das minhas áfricas nesse quintal.*

*A cortina perdeu transparência  
a brisa abraçou o vendaval  
a imagem trouxe asa de essência.*

*Pedi pai que no colo me subisse  
mão que no solo me amparasse.*



*Olho o mar.  
Quantas braçadas?  
A que ilha chegar?*

*Por que te calas, Tirésias?  
Sopra ao meu ouvido  
sentença mais branda  
que o eco de vozes idas!*

*Liberta-me dos ventos  
que trazem o sal da pele  
dos naufragados à margem.*

*Anuncia aos céus  
sinos de alguma esperança  
depois dessa guerra.*



*Hoje fiz dia de livramento  
livrei as coisas das coisas  
algumas coisas de mim.*

*Coisas soltas sem fio  
da memória pedem alforria  
e eu saí assinando.*

*Um sorriso escondido  
de recatada alegria  
pé solto de viagem adiada  
olhos acesos  
no vazio.*



*A equilibrista sorri  
e sabe que o espetáculo  
só é uma sensação  
pela possibilidade  
da queda.*

*A equilibrista atravessa  
com mais paixão  
nosso curto fio  
em evidência.*



ORNITORRINCOBALA EDIÇÕES

# POEMAS DE MARCIA BORGES

## PRODUÇÃO GRÁFICA – JIDDUKS

[CLIQUE NO BOTÃO PARA PEGAR MAIS E-BOOK GRATUITOS DA AUTORA](#)

